
Nem acima, nem abaixo do radar: uma análise da produção de conteúdo sobre massacres em escolas brasileiras no Twitter e no TikTok¹

Gabriela Rodrigues ALMEIDA²

Daniela Osvald RAMOS³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo aborda os massacres em escolas no contexto da educação no Brasil, buscando compreender a influência da internet na formação de comunidades refratárias que endossam tais incidentes. Além disso, inicia uma análise sobre a possível existência de um espaço intermediário entre o que está acima ou abaixo dos critérios de radar defendidos por Crystal Abidin, de acesso amplo ao público e com escassa ou ausente moderação de conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: massacre em escolas, Twitter, TikTok, sociabilidades em rede, políticas e governança da internet, consumo e cultura digital.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre massacres em escolas não é nova, em abril de 1999, pouco mais de duas décadas atrás, já acontecera o que seria um marco na história da violência cometida em âmbito escolar, o massacre de Columbine, realizado por dois jovens que vitimaram 12 pessoas fatalmente. Acompanhamos uma cobertura extensa e repetimos o nome dos atiradores várias vezes, assistimos aos filmes baseados no evento, nos assustamos com piadas sobre o assunto, porém era uma realidade muito distante do Brasil.

No entanto, há alguns anos o massacre em escolas tem sido parte importante nas discussões sobre segurança pública e educação no Brasil. Segundo pesquisa do Instituto Sou da Paz, até maio de 2023 tínhamos 137 vítimas de massacres nas escolas brasileiras, sendo 45 fatais.

Casos como o de Realengo, em 2011, e o de Suzano, em 2019, nos fazem questionar as causas de tais brutalidades em um ambiente outrora pacífico, em um contexto extremamente diferente do norte-americano em relação ao acesso a armas de fogo ou de exposição a esse tipo de ação.

¹ Trabalho apresentado no GP30 – Tecnologias e Culturas Digitais, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Ciências da Comunicação da ECA-USP, e-mail: garod.rodrigues@usp.br.

³ Doutora em Comunicação, Professora do curso de Ciências da Comunicação da ECA-USP, e-mail: dramos@usp.br

A presente pesquisa busca mapear o papel das plataformas digitais – mais especificamente Twitter e TikTok – na difusão de uma cultura violenta a jovens em idade escolar e investigar a existência de um espaço intermediário na internet, utilizando o critério de territórios acima e abaixo do radar defendido por Crystal Abidin (2021), no qual essas mensagens são codificadas e publicadas à margem dos termos regulatórios de cada plataforma, utilizando-se das linguagens e formatos criados e disseminados dentro das comunidades presentes na superfície da internet, em especial os *fandoms*⁴.

METODOLOGIA

Considerando a seleção das plataformas, Twitter e TikTok, empregadas neste estudo, assim como a avaliação de aspectos como conteúdo, formato, interação e contexto, o presente artigo adota uma abordagem qualitativa. É necessário, entretanto, ressaltar a importância de uma análise quantitativa das publicações em questão, abrangendo a decodificação e compreensão de seus propósitos (SANDELOWSKI, 2001).

Com o propósito de conduzir esta investigação, foi realizado um processo de seleção de 20 postagens, incluindo mensagens escritas e vídeos curtos, veiculados tanto no Twitter quanto no TikTok. Essas postagens foram criteriosamente escolhidas em função de sua relevância temática para os massacres em escolas brasileiras. Especificamente, a atenção concentrou-se em conteúdos gerados por indivíduos que manifestam uma perspectiva favorável a essas transgressões nas #tcctwt⁵ e #taucci. Essa escolha metodológica visou explorar narrativas que celebram, incentivam e reverenciam tais atos e autores. O período de coleta de dados compreendeu o intervalo entre 6 de abril de 2023, um dia subsequente ao último ataque registrado em uma escola no país, e 6 de junho de 2023.

A análise desses conteúdos ultrapassa a mera avaliação da retórica utilizada; ela se aprofunda em uma investigação mais abrangente, que inclui o impacto perceptível dessas interações. Além disso, contempla uma avaliação das possíveis interferências sociais resultantes do compartilhamento e disseminação nas redes sociais. A escolha

⁴ Fandoms são comunidades de fãs que compartilham um interesse comum por um determinado trabalho criativo, como filmes, séries de televisão, livros, quadrinhos, jogos de vídeo game, músicos ou bandas. Essas comunidades se formam em torno de uma base de fãs que interagem em comunidades digitais e produzem conteúdo dedicado aos seus interesses.

⁵ #tcctwt é uma abreviação do termo em inglês “True Crime Community Twitter”, onde concentrava-se o *fandom* do gênero *true crime*

específica dessas plataformas para análise também obedece ao critério de relevância dentro de comunidades refratárias, onde sua atuação é notavelmente expansiva e procura se alinhar às diretrizes de segurança menos rígidas.

CIBERESPAÇOS E CIBERTERRITÓRIOS

Desde que as áreas de estudo se aprofundaram nas problemáticas relacionadas à existência e utilização da internet, tem-se discutido sobre os diferentes espaços e territórios presentes nela, definidos em três ambientes majoritários: a *dark web*, a *deep web* e a *surface web*, esta compreendendo a maior parte dos usuários, sites e aplicativos.

No entanto, é necessária a compreensão de que o espaço é anterior ao território (RAFFESTIN, 1993), ou seja, qualquer utilização, seja da *dark web*, da *deep web* ou da *surface web* vem do desejo da utilização de um espaço, assim como o físico.

Sendo assim, a existência de qualquer ciberespaço não é a causa de qualquer fenômeno social nas redes sociais ou nos *chans* da *deep web*. A aparição de qualquer grupo social é um processo complexo de interação autossuficiente, incentivando ou inibindo certos comportamentos (LÉVY, 1999).

Com o termo cunhado em 1994, a *deep web* pode ser descrita como um espaço da internet que não é mostrado pelos mecanismos de busca que conhecemos, tais quais o Google e o Yahoo, por exemplo (CALDERON, 2017). Na verdade, para acessar a *deep web* é preciso a utilização de um navegador próprio e já ter em mãos o endereço que se busca chegar.

Livre da vigilância e provido de anonimato, a *deep web* dispõem de um vasto número de arquivos, informações e tipos de comunicações que não temem a aplicação de qualquer pena do âmbito legal.

É neste contexto que nascem os *chans*, que são fóruns hospedados na *deep web* onde os usuários discutem vários temas e nem todos nefastos, como filmes, séries, livros, *animes*⁶, compartilhando *links* para *downloads* ilegais e vazamentos de informações por pessoas das indústrias citadas. No entanto, a certeza da preservação de sua identidade faz com que inúmeros jovens juntem-se em comunidades com discursos racistas, misóginos, antissemitas e homofóbicos.

⁶ Desenhos animados de origem japonesa.

DOGOLACHAN E O MASSACRE DE SUZANO

Um dos mais relevantes *chans* da *deep web* era o Dogolachan, idealizado pelo *cracker*⁷ brasileiro Marcelo Valle Silveira Mello, onde discursos refratários eram incentivados, além da distribuição irrestrita de material pornográfico com crianças, propaganda nazista e fascista.

Antes do Dogola, Marcelo já dividia seus pensamentos misóginos e racistas em seu *blog* sob o pseudônimo de Silvio Koerich, onde versava, entre outras coisas, sobre a desconstrução da instituição do casamento a partir das pílulas anticoncepcionais e analisava, sobre seu próprio viés, as escolhas de parceiros das mulheres, listando, inclusive, ações que “homens viris” deveriam ter com suas esposas e filhas.

Uma das coisas mais difíceis que existe no mundo é criar filhos. Recebendo reclamações da dificuldade pra criar uma FILHA no mundo de hoje e vendo a desgraça que se tornaram adolescentes e jovens mulheres, eu estou aki pra te ensinar, você que é PAI a criar sua filha seu BURRÓIDE froxo.

Tu deves estar se perguntando “*esse mané tem filhos, ele ta se baseando em que*”? Bom cavalo velho, eu não tenho filhos e estou me baseando sabe em que?

1- Bom senso e Conservadorismo

2- Honra e Tradição. (KOERICH (MELLO), 2010).

Tais discursos atraíram a atenção de dois jovens moradores de uma cidade metropolitana de São Paulo que, assim como Marcelo, atendiam por pseudônimos e encontraram na cultura *incel*, promovida naquela comunidade, a validação de todas as suas dores e pensamentos.

Os *incel*, do inglês *involuntary celibates*, é um grupo de homens, em sua maioria jovens, que são celibatários involuntários e propagam o ódio às mulheres em fóruns específicos sobre o assunto (GRIFFIN, 2021). Segundo eles, os membros desse grupo seriam “prejudicados geneticamente”, uma vez que não teriam corpos musculosos ou aparências que atendem aos padrões de beleza, e culpabilizam pessoas do sexo feminino por sua falta de contato com elas, alegando que estas são superficiais e não conseguem enxergar a essência do homem para além de sua aparência.

⁷ Termo que se refere a um indivíduo que se dedica a invadir sistemas de computador, redes, dispositivos eletrônicos ou software com o objetivo de contornar medidas de segurança, ganhar acesso não autorizado e realizar atividades maliciosas em benefício próprio.

Inspirados pelo caso de Columbine e ajudados por frequentadores do Dogola, como o DPR, um dos administradores do fórum, os dois jovens planejaram e executaram o ataque à Escola Estadual Professor Raul Brasil em 2019, deixando 8 mortos, 11 feridos e cometendo suicídio após o ato.

A vontade dos autores de tornarem-se ícones daquela comunidade – ou *Sanctos*, como os próprios definem – era clara e fora atingida, uma vez que, logo após os ataques alguns usuários comemoraram a ação, porém lamentaram o número de mortos não ter ultrapassado o massacre na escola de Realengo, Rio de Janeiro, ocorrido oito anos antes.

O CULTO À TAUCCI E O ESPAÇO DO MEIO

Assim como ocorrera em comunidades *incel* estadunidenses no pós-Columbine, um dos atiradores de Suzano foi elevado a um patamar de ídolo. Seu sobrenome, Taucci, é utilizado ainda hoje, 4 anos depois, para identificar os membros dessa comunidade no Twitter e como *hashtag* para a divulgação de conteúdo de incentivo à violência em âmbito escolar.

Nos dias seguintes ao ataque à creche Cantinho Bom Pastor em Blumenau, Santa Catarina, ocorrido no dia 5 de abril de 2023, já era possível encontrar postagens apoiando e incentivando novos massacres escolares, inclusive oferecendo ajuda para o planejamento dessas ações no Twitter.

Diferentemente do que ocorrera no caso de Suzano ou de Realengo, as manifestações de comunidades refratárias não estão mais limitadas aos *chans* e à *deep web*, mas completamente acessíveis na *surface web*, inclusive com postagens recomendadas pelo algoritmo aos usuários que discutiam o tema.

Com o discurso de garantir liberdade *completa* de expressão, o empresário Elon Musk adquiriu o Twitter em outubro do ano passado e, desde então, a rede social tem mudado sua conduta na moderação de postagens contendo discursos de ódio, o que atraiu grupos extremistas para a rede, organizando-se através de *emojis*⁸ e *hashtags*.

O #tcctwt, a *hashtag* que hospeda boa parte da comunidade de *incels* e apoiadores de massacres, furou sua bolha durante os ataques de abril de 2023 no Brasil, provocando uma onda de revolta dos demais usuários, culminando em críticas à gestão da plataforma

⁸É um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa.

e ao posicionamento de seus advogados no Brasil, que afirmavam que contas que faziam apologia à violência não desrespeitava as diretrizes do site.

As ondas de indignação são eficientes em mobilizar e compactar a atenção. Por causa de sua fluidez e volatilidade elas não são, porém, apropriadas para organizar o discurso público, a esfera pública. Elas são incontroláveis, incalculáveis, inconstantes, efêmeras e amorfas demais para tanto. Elas se inflam repentinamente e se desfazem de maneira igualmente rápida. Nisso, elas se assemelham aos *Smart Mobs*. Falta a elas a estabilidade, a constância e continuidade que seriam indispensáveis para o discurso público. Desse modo, elas não se deixam integrar em uma unidade discursiva. As ondas de indignação surgem frequentemente em vista de acontecimentos que têm muito pouca relevância social ou política. (HAN, 2018).

Apesar da revolta e das cobranças de ações por parte da empresa, a solução ainda fora temporária com a suspensão de algumas contas mais extremistas, porém o conteúdo das #tcctwt e #taucci ainda são acessíveis no Twitter.

Em uma posição muito mais confortável e menos fora de sua bolha, os integrantes da #tcctwt também produzem conteúdo no TikTok com edições de fotos e vídeos dos autores de massacres ao som de músicas populares da plataforma, colocando-os como vítimas de patologias psiquiátricas. Em um dos vídeos, Tauci é recriado através de um *deepfake*⁹ com uma voz robótica, contando a sua versão dos fatos ocorridos em Suzano.

Um dos estilos de postagem adotado pela comunidade é a *fancam*, um formato de vídeo curto vastamente produzido e difundido por fãs de música pop sul-coreana. As publicações contam com músicas populares ou virais, imagens de seus ídolos e efeitos visuais como corações ou transições frenéticas com palavras em tela. Alguns usuários, inclusive, incluem imagens de cantoras de K-pop¹⁰ em conjunto com os autores de massacres.

As semelhanças com o comportamento de fãs de cultura pop não se limita aos aspectos supracitados. Uma das frentes de produção de conteúdo desse grupo, que cresceu após os ataques de abril deste ano, são as *fanfics*, histórias ficcionais, por vezes com cunho sexual, utilizando personagens de diversas frentes da cultura popular. O site mais conhecido para esse tipo de publicação, Wattpad, conta, também, com a #taucci, colocando o autor do massacre de Suzano como par romântico de vários jovens autores na plataforma.

⁹ Tecnologia usada para criar vídeos falsos, recriando a face do personagem principal, colocando-o em contextos em que ele nunca esteve.

¹⁰ Temos utilizado para música pop sul-coreana

Esses comportamentos, ao duplicar as ações de *fandoms*, visam camuflar tais discursos e coloca-los em uma posição de normalidade entre as comunidades digitais na *surface web*, criando um ruído de moderação de conteúdo e capturando o interesse de usuários que já consomem esse tipo de material na internet.

Em seu famoso ensaio, "A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica", Walter Benjamin afirma que a capacidade de produzir e circular imagens em massa causaria um impacto democrático profundo. Sua famosa alegação é de que a reprodução acaba com a "aura em torno de obras de arte elevadas e destrona as autoridades culturais reinantes. Ele alega também que uma nova forma de expertise popular iria surgir; as pessoas sentiam-se mais autorizadas a dar opiniões sobre times de esportes ou filmes de Hollywood do que sobre obras de arte enclausuradas em museus. Transformar a política num tipo de cultura popular permite que os consumidores apliquem a expertise de fã em suas responsabilidades civis? Paródias de noticiários, como The Daily Show (1996), podem estar nos ensinando a fazer justamente isso. (JENKINS, 2009).

No caso do TikTok, especificamente, fica nítida a omissão de informações sobre as *hashtags* conhecidamente utilizadas para a publicação desses discursos, como #taucci e #tcctwt, uma vez que no próprio *Creative Center* da plataforma, utilizado para acompanhamento de métricas das *hashtags* mais utilizadas no TikTok, as pesquisas não geram resultados, como se essas publicações não existissem.

Ao coletar as vinte postagens utilizadas para a construção deste artigo, sendo dez no Twitter e outras dez no TikTok, era possível notar a difusão massificada das mensagens, com dezenas de *retweets* e milhares de *impressões*, métrica utilizada para medir o número de vezes que usuários viram, abriram ou interagiram de alguma forma com um conteúdo.

Em 5 das 10 coletas feitas no Twitter há acenos ao terrorismo branco, seja pela menção a data de 20 de abril, aniversário de Adolf Hitler e do atentado de Columbine, pela utilização das letras SS, que representa a organização paramilitar do Partido Nazista bastante atuante no holocausto, ou pela utilização da *siege mask*, símbolo do grupo neonazista norte-americano Divisão Atomwaffen.

Taucci é citado, enquanto *hashtag*, termo ou nome de usuário das redes, em 8 das vinte postagens analisadas, sendo um dos vídeos um *deep fake* de seu rosto dando sua versão dos fatos. Esta postagem, em especial, já foi tirada do ar várias vezes e republicada por outros usuários do TikTok, tanto contrários, quanto apoiadores do massacre em Suzano.

Uma usuária intitulada ANNE na rede de vídeos curtos, identificada com o @taucci001, teve seus vídeos suspensos, porém continua com *fancams* postadas para outros autores de atentados, como o da Escola Estadual Thomazia Montoro, com músicas de Luan Santana e Lewis Capaldi.

DIRETRIZES DE COMUNIDADE E O CONTEÚDO VIOLENTO

Segundo os termos de uso do TikTok, na seara de Segurança e Civilidade, é expressamente proibida a propagação e incentivo a atos violentos por grupos extremistas, no entanto, há uma brecha sobre a divulgação de tais ações por terceiros.

Muitas vezes, as ideias dessas organizações e indivíduos são propagadas por outras pessoas. **Não permitimos a promoção ou suporte material a organizações ou pessoas que propagam violência ou ódio.** O conteúdo que for neutro, mas citar uma organização propagadora de ódio, deve deixar claro que não há intenção de promovê-la. Abrimos exceções limitadas para que as pessoas discutam organizações políticas violentas, mas apenas se: (1) suas causas são reconhecidas como legítimas sob estruturas jurídicas internacionais, (2) não têm civis como principal alvo e (3) o conteúdo não menciona violência. (TIKTOK, 2023).

Uma das grandes problemáticas das diretrizes do TikTok é que as *fancams* produzidas desses autores não necessariamente reproduzem imagens violentas. Por exemplo, não é difícil achar vídeos nas *hashtags* #taucci e #tcctwt com imagens de Guilherme Tauci em momentos de lazer, em fotos com antigos amigos ou até utilizando a *siege mask* em contextos anteriores ao ataque, sem apresentar de forma explícita qualquer tipo de risco.

Outro tipo de conteúdo muito publicado na plataforma é o *true crime*, de onde origina a #tcctwt, que não faz apologia nítida a violência em âmbito escolar, mas, por vezes, descreve passo a passo os massacres realizados, divulgando nomes, fotos, vídeo e postagens de seus autores, colaborando com o culto a essas personalidades.

Por ser um conteúdo *investigativo* – mesmo sendo realizado por pessoas com pouca ou nenhuma literacia midiática, ainda em idade escolar e sem qualquer parâmetro ético para esse tipo de produção –, as postagens de *true crime*, por mais que mostrem violência explícita, também são consideradas publicações neutras.

As nuances do que é considerado discurso de ódio pelo TikTok também é um campo complexo, uma vez que páginas de conteúdo *redpill*¹¹ são mantidas e extremamente populares na plataforma, como por exemplo a @uma_dose_vermelha que conta com mais de 90 mil curtidas e @alphatrue_ com 108 mil seguidores.

Ambas as páginas, assim como outros usuários do mesmo movimento, divulgam conteúdos em que questionam a liberdade sexual da mulher e a colocam em um lugar de submissão ao homem, inclusive referindo-se a vida amorosa como “mercado sexual”, ensinando o que deve-se ou não ser feito, muito parecido com o conteúdo de Marcelo Valle Silveira Mello, citado anteriormente.

Os vídeos são nitidamente direcionados a homens jovens, sem qualquer experiência sexual ou amorosa com pessoas do gênero oposto, os levando, a posteriori, ao contato com comunidades *incel*.

No Twitter, o posicionamento não é muito diferente. As diretrizes condenam a apologia à violência e proíbem postagens de cunho violento. No entanto, diferentemente do TikTok, a rede tem uma regra específica para autores de grandes massacres.

Removeremos todas as contas mantidas pelos autores de ataques terroristas, extremistas ou violentos em massa, além de todas as contas exaltando os autores ou dedicadas a compartilhar manifestos e/ou links de terceiros em que o conteúdo relacionado estiver hospedado. Podemos também remover os Tweets que disseminam manifestos ou outro conteúdo produzido pelos autores do ataque. (TWITTER, 2023).

Apesar da diretriz, a remoção de contas de autores de massacres em escolas é morosa, abrindo uma janela de tempo para que os membros de comunidades *incel* consigam difundir as mensagens em forma de captura de tela.

Assim como no TikTok, as nuances do que é considerado conteúdo violento dentro da plataforma permite com que imagens, vídeos e áudios de autores de massacres escolares sejam difundidas, despertando o interesse de jovens em idade escolar. Além disso, outras comunidades que corroboram com os discursos de radicalismo branco, como os *redpill* e os neonazistas, são facilmente encontrados no Twitter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹¹ Grupo de homens com discursos misóginos que lutam contra a "perda dos direitos masculinos". O nome *redpill* faz alusão ao primeiro filme de Matrix, sobre a escolha entre a pílula azul (continuar na Matrix) e vermelha (sair da Matrix e “conhecer o verdadeiro mundo”).

Abril de 2023 foi um alerta para que nos atentássemos que a realidade de massacres anuais e, no pior dos cenários, semestrais está mais perto do que imaginamos. A cooptação de jovens pelo radicalismo branco está ainda mais facilitada pela flexibilização das postagens violentas em redes sociais acessíveis ao grande público.

A cultura *incel* é, nada mais, que a resposta a um problema fabricado por uma ideologia dominante de que mulheres são propriedades ou objetos para serem usufruídos, sem qualquer tipo de humanidade.

No caso de Realengo, em 2011, onde o autor deliberadamente atacou meninas, a violência de gênero fora ignorada por todas as coberturas da grande mídia, pautando a discussão no fato de Wellington ser muçulmano. Já em Suzano, o inimigo era o videogame e, a posteriori, a internet. Pouco falou-se dos *chans* e dos discursos de ódio. Nos casos mais atuais, patologias psiquiátricas foram apontadas como causas de crimes tão brutais em escolas e creches.

O crescimento da extrema direita e a difusão de falas misóginas, homofóbicas e racistas por parte de grupos organizados na internet, intencionalmente mirando jovens garotos em idade escolar, pode criar muitos outros Marcelos, Guilhermes e Wellingtons.

Enquanto não tratarmos essas ações como ataques de grupos terroristas, mas como casos isolados, e não responsabilizarmos as plataformas pela flexibilização ou falta de moderação de conteúdo, o futuro provavelmente será trágico.

REFERÊNCIAS

ABIDIN, Crystal. **From “Networked Publics” to “Refracted Publics”**: A Companion Framework for Researching “Below the Radar” Studies: SI: Below the Radar: Private Groups, Locked Platforms and Ephemeral Content. *Social Media + Society: SAGE Journals*, [s. l.], p. 1-13, Janeiro - Março 2021. DOI 10.1177/205605120984458. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2056305120984458>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CALDERON, Barbara. **Deep & Dark Web**: A internet que você conhece é apenas a ponta do iceberg. Rio de Janeiro: Ed. Alta Books, 2017.

GRIFFIN, Jonathan. **O mundo sombrio dos ‘incels’, celibatários involuntários que odeiam mulheres**. BBC NEWS, [S. l.], 22 ago. 2021. BBC Trending. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58300599>. Acesso em: 3 jul. 2023.

HAN, Byung-Chul. **No Exname**: Perspectivas do Digital. [S. l.]: Editora Vozes, 2018. 136 p. ISBN 978-85-326-5977-4.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2008.

KOERICH, Silvio. **TEXTOS DO SILVIO KOERICH**. In: TEXTOS DO SILVIO KOERICH. [S. l.], 28 fev. 2019. Disponível em: https://kupdf.net/download/textos-do-silvio-koerichpdf_5c76d75ee2b6f5f2329a84bc_pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.

LANGEANI, Bruno. **Raio-X de 20 Anos de Ataques A Escolas No Brasil**. Instituto Sou da Paz, 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo, 1993.

SANDELOWSKI, Margarete. **Real qualitative researchers do not count**: the use of numbers in qualitative research. Res Nurs Health, [S. l.], n. 3, p. 230-240, 24 jun. 2001. DOI 10.1002/nur.1025. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11526621/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

TIKTOK. **Segurança e civilidade**. In: Segurança e civilidade. [S. l.], Março 2023. Disponível em: <https://www.tiktok.com/community-guidelines/pt-br/safety-civility/#2>. Acesso em: 31 jul. 2023.

TWITTER. **Política de Autores de Ataques Violentos**. In: Política de Autores de Ataques Violentos. [S. l.], Fevereiro 2023. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/perpetrators-of-violent-attacks>. Acesso em: 31 jul. 2023.